



## Eugenio Coseriu: sobre a presença do texto literário em sala de aula

## Eugenio Coseriu: on the presence of literary texts in the classroom

Hozanete Lima<sup>1</sup> (UFRN)

**Resumo:** Neste trabalho procuramos ilustrar alguns delineamentos apresentados por Eugenio Coseriu no texto "Acerca de la enseñanza de la lengua y la literatura" (1987) para mostrar a importância do ensino de literatura e de que maneira ele está implicado com o ensino de língua. Neste texto coseriano, conferimos uma rede de ideias que circulam em outros textos teóricos do autor para dar visibilidade ao pensamento de um linguista cujo empreendimento teórico sobre a linguagem se delineava pela concepção de que esta era, antes de tudo, uma atividade social e cultural, cuja unidade superior de manifestação de sentido é o texto.

**Palavras-chave:** Ensino; Língua; Literatura; Texto.

**Abstract:** In this paper, we have tried to illustrate some of the delineations presented by Eugenio Coseriu in the text "About the teaching of language and literature" (1987) to show the importance of the teaching of literature in conjunction with the teaching of language. In this text, we confer a network of ideas that circulate in other theoretical texts of the author to give visibility to the thought of a linguist whose theoretical undertaking about language was outlined by the conception that language was, above all, a social and cultural activity, whose superior unit of manifestation of meaning is the text.

**Keywords:** Language; Literature; Teaching; Text.

### 1. Considerações iniciais

Neste trabalho, gostaria de discutir e ilustrar a percepção de Eugenio Coseriu sobre o ensino de língua e de literatura presente em seu texto "Acerca de la enseñanza de la lengua y

la literatura" (1987)<sup>1</sup>. Acompanhar as impressões e as ideias expostas nesse texto é, ao mesmo tempo, dar visibilidade às posturas teóricas e metodológicas construídas por Eugenio Coseriu para falar sobre a linguagem, atividade social e cultural de um povo. O texto do linguista é fruto de uma palestra proferida no *Simpósio Innovación en la enseñanza de la lengua y la literatura española* (1984), realizado na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Complutense de Madrid. No ano de 1987, sua conferência é publicada nas *Actas y Simposios*, sob a Subdireção Geral de Formação do Professorado, do Ministério de Educação e Ensenanza da Espanha, com o título aqui já exposto: "Acerca de la enseñanza de la lengua y la literatura". O gramaticista brasileiro Evanildo Bechara traduziu este texto em 1993, sob o título "Do sentido do ensino da língua literária", na Revista Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português (Rio de Janeiro).

O linguista romeno já havia tornado público seu interesse sobre essa temática em alguns de seus escritos, dos quais merece destaque o texto "Thesen zum thema sprache und dichtung", publicado, na Alemanha, no ano de 1971. De tal texto, duas versões espanholas surgem em anos posteriores<sup>2</sup>: uma em 1977, na obra que reúne textos variados do linguista, intitulada "El hombre y su lenguaje"; outra em 1979, no volume I da "Revista Lingüística Española Actual". O texto, de 4 páginas, poderia passar despercebido se não estivessem visibilizadas nele a autonomia reflexiva, a maturidade intelectual do linguista romano e, mais ainda, sua capacidade de síntese.

Pode-se questionar por que este texto de 1977 é tão importante e merece ser evocado por nós. De fato, este texto contém as ideias que estarão evidenciadas na construção do que o autor nomeia "mi lingüística del texto" (COSERIU, 2006, p. 61) e a importância dos textos literários para se pensar a construção de uma lingüística do texto, como assinala o próprio autor:

*El sentido se da sólo en los discursos, pero en **todos** los discursos, no sólo en los literarios. Con todo, el texto literario ocupa a este respecto una posición privilegiada, ya que la poesía (la "literatura" como arte) es el lugar de la plenitud funcional del lenguaje: del máximo despliegue de sus posibilidades. Por ello, la*

<sup>1</sup> Para evitar excesso de tradução em nota de rodapé, utilizaremos a versão portuguesa de Bechara no corpo de nosso texto. Mas registramos nosso desacordo e estranhamento no que concerne à expressão "língua literária" observada na tradução do título.

<sup>2</sup> No texto "Tesis sobre el tema "Lenguaje y Poesía", Coseriu assinala, em nota de rodapé, que suas "ideas traducen y amplían" aquelas expostas no texto alemão "Thesen zum thema "Sprache und Dichtung" (COSERIU, 1977, p. 186).

*lingüística del texto es (o debe ser) en primer lugar hermenéutica literaria. (COSERIU, 2006, p. 58 – destaques do autor)*<sup>3</sup>.

Na leitura que fazemos do texto coseriano “Acerca de la enseñanza de la lengua y la literatura”, procuramos evidenciar pontos que nos parecem bem significativos, dentre eles: 1. a questão do saber do falante; 2. a Literatura enquanto lugar de pleno funcionamento da linguagem; e 3. o inventário das possibilidades básicas de construção de sentido. Tais possibilidades apresentadas por Coseriu no texto são pequenos exemplos de como o “signo linguístico concreto” funciona através de “uma rede complementar e muito complexa de relações, com o que surge um conjunto igualmente complexo de funções semânticas [...] (COSERIU, 1977, p. 181).

O convite feito a Coseriu para proferir sua fala em um simpósio sobre ensino de língua e de literatura nos permite revisitar o lugar ocupado pela linguagem literária na compreensão geral que tem Coseriu sobre a linguagem e seu funcionamento e acessar a trajetória de um linguista cuja carreira científica e prática fora estabelecida, inicialmente, na América Latina, nos países de língua espanhola.

## 2. Língua / Literatura

Coseriu leva para o Simpósio na Espanha a realidade que ele conhecia sobre o ensino de literatura em países de língua espanhola, especificamente no Uruguai há pelo menos “uns 20 ou 25 anos”, como ele próprio assume (COSERIU, 1993, p. 29). O contexto educacional sobre o qual se referiu parece não ser tão diferente da conformidade do contexto dos anos de 1984, na Espanha. Em quase 25 anos, o ensino de língua (gramática da língua, se formos mais precisos) no ensino médio não seguia uma orientação oficial sobre a presença de textos literários em sala de aula e, até mesmo, modos de experienciá-lo para além de referências a datas de publicação, condições históricas da obra, biografia dos autores ou dos ideários contidos nas obras, sejam eles de ordem ético-moral, religioso e político (COSERIU, 1993)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> O sentido se dá somente nos discursos, mas em *todos* os discursos, não somente nos literários. Entretanto, o texto literário ocupa a este respeito uma posição privilegiada, já que a poesia (a “literatura” como arte) é o lugar da plenitude funcional da linguagem: do máximo desenvolvimento de suas possibilidades. Por isso, a linguística do texto é (ou deve ser), em primeiro lugar, *hermenéutica literária*. (COSERIU, 2006, p. 58 – itálicos do autor).

<sup>4</sup> Não estabelecemos qualquer juízo de valor quanto à prática de ensino da época. A Linguística Textual é uma disciplina muito nova e ainda enfrentamos, mesmo atualmente, a dificuldade de lidar com textos, e, mais ainda, com textos literários em sala de aula.

A questão de base, imposta mesmo pelo Simpósio, como o título permite inferir “Simpósio Innovación en la enseñanza de la lengua y la literatura española”, é clarificada no texto de Coseriu: “podem a língua e a literatura ser ensinadas racionalmente em separado?” (COSERIU, 1993, p.30). Ao que responde ao final do mesmo parágrafo: “Esta é a tese: não se podem separar os ensinamentos da linguagem e da literatura porque a linguagem e a literatura constituem, no sentido que veremos, uma forma única da cultura, embora como dois polos diferentes desta forma” (COSERIU, 1993, p.30).

Para deixar assegurado o lugar da Ciência Literária e da Ciência Linguística, o linguista entende não se tratar de colocar o aluno do ensino médio na posição de um teórico da literatura ou de um especialista da linguagem; por assim dizer, um crítico literário ou um linguista. Mas, por outro lado, entende que a Ciência Literária e a Ciência Linguística, ainda que preservem seus espaços e seus objetos de estudo, podem se unir e “devem constituir a própria base do ensino” (COSERIU, 1993, p.29). Assim, acentua:

[...] estas relações ou esta unidade entre linguagem e literatura pode tomar implícita no nível de especialização técnica da ciência, isto é, a ciência linguística se faz como ciência autônoma sem referência constante a literatura; de igual modo, a ciência literária pode fazer-se como ciência autônoma sem referência constante a linguagem, precisamente porque estas referências já se levam em conta como fundamento das duas disciplinas. Efetivamente, no nível universitário, vale dizer, no nível de especialização técnica das disciplinas, é possível distingui-las, cultivá-las em separado, mas isto não cabe no ensino médio, no ensino secundário; muito pelo contrário, estas relações devem constituir a própria base do ensino (COSERIU, 1993, p.29).

Mas, de que modo e em que ponto a Linguística e a Literatura podem, juntas, constituir a base para o ensino, como postula Coseriu? Poderíamos, nos dias atuais, aventar uma série de respostas, baseando-nos em avanços sobre o ensino de língua em sala de aula. Entretanto, à época, essa não parecia uma questão fácil de tratar ou resumir. Coseriu entendia que lidar com a Literatura em sala de aula oportuniza o trabalho com “um texto que não utiliza simplesmente a linguagem, mas que constrói linguagem, desenvolve, realiza virtualidades já contidas na linguagem” (COSERIU, 1993, p. 30). Enquanto obra de linguagem, o texto literário é um espaço de criação ou possibilidades de construção de sentidos.

A Literatura é um espaço que envolve a realização de virtualidades de sentido e modos de dizer no qual todas as formas de saber estariam implicadas. Lidar com a Literatura em sala de aula seria lidar com um tipo de competência do falante que só poderia ser observada para além do significado de um enunciado e de sua escansão gramatical e terminológica. O linguista aproveita a ocasião para justificar duas razões que estariam em jogo no ensino da língua através da apropriação de textos literários. A primeira razão coloca em cena a identidade de um povo. Todo povo produz sua literatura, e a literatura, assim como a língua, é um fato cultural.

A comunidade necessita de técnicos para a organização da vida que o Estado deve assegurar aos cidadãos. Todavia as nações necessitam, para afirmar-se como individualidades, de pessoas cultas que assegurem esta continuidade das suas tradições. A tradição básica é precisamente a tradição linguística, que se manifesta em sua mais alta forma nos monumentos literários, nas obras de arte literárias (COSERIU, 1993, p. 31).

No conjunto de objetivos do ensino médio um deles seria “preparar cidadãos cultos, capazes de reatar e continuar de forma criativa as tradições de sua comunidade” (COSERIU, 1993, p.31). A Literatura seria um espaço através do qual a cultura do país e daqueles que a constituem, com suas lutas, suas batalhas e seus desejos estariam esteticamente representados. Aos olhos de Coseriu, “nada se conserva melhor na memória do que aquilo que exerceu sobre nós um efeito estético importante” (COSERIU, 1993, p. 46).

A segunda razão, de ordem didática, no contexto educacional, seria a oportunidade de ensinar a língua através de textos potencialmente bem escritos cujos sentidos só podem ser bem explorados através da interpretação do sentido, e isso exige do aluno muito mais do que o conhecimento e a estrutura de enunciados de uma língua – ainda que esses sejam prescindíveis. O ensino da gramática não deveria, nem poderia ser abolido, mas experienciado no nível do texto. O “texto” vai ser visto por Coseriu como um nível superior de manifestação do sentido. O “texto literário”, por sua vez, manifestaria o sentido em toda sua potencialidade, por isso “los textos literarios deben valer como modelos para la lingüística, puesto que representan, precisamente, el tipo de textos funcionalmente más ricos” (COSERIU, 1979, p. 184)<sup>5</sup>. Lemos, assim, em Coseriu:

---

<sup>5</sup> Os textos literários devem valer como modelos para a linguística do texto, pois representam, precisamente, o tipo de texto funcionalmente mais ricos (COSERIU, 1979, p. 184).

Se é certo que todos os *textos* têm *sentido*, os literários são aqueles textos que se apresentam como construção de sentido. O que indagamos na análise, na interpretação de uma obra, é uma indagação pelo sentido; não pelo *significado* nem pela *designação*, mas, sim, por este nível superior de conteúdo que só se dá nos textos (COSERIU, 1993, p. 39 – itálico nosso).

Nesse enunciado, Coseriu manipula quatro termos, sejam eles, “textos”, “sentido”, “significado” e “designação”. Faremos uma reflexão sobre eles, experienciando de que maneira o linguista discrimina cada um deles. O(s) texto(s) têm sentido e o “sentido” é compreendido enquanto um nível superior de conteúdo, e diferente do conteúdo do “significado” e do conteúdo da “designação”.

Não nos interessa entrar numa disputa historiográfica sobre o termo “sentido” fora do contexto coseriano, mas convém compreendê-lo no interior da relação ternária operacionalizada pelo linguista, “sentido/significado/designação”, que representa os três tipos de conteúdo linguístico:

Hay tres tipos de contenido lingüístico: designación, significado y sentido. La designación es la referencia a la realidad "extralingüística", o bien esta realidad misma (en cuanto "representación", "hecho", "estado de cosas"), independientemente de su estructuración por medio de tal o cual lengua, y es propia del hablar en general. El significado es el contenido dado en cada caso por una lengua determinada. El sentido es el contenido propio de un discurso en cuanto manifestado por la designación y el significado: la actitud humana que el discurso implica o la finalidad con que se realiza (COSERIU, 2006, p. 57-58)<sup>6</sup>.

Nos exemplos a seguir podemos experienciar os três termos, apresentando a defesa do linguista para cada um deles. No enunciado “Há muita corrente de ar nesta sala!”, temos o *significado* que pode ser exatamente o fato de que “há muita corrente de ar nesta sala”, e um conteúdo de referência ou extralinguístico, que seria a *designação*, “uma sala que, por algum motivo – janelas abertas, por exemplo –, sofre a entrada de ar”. O *sentido* estaria num nível mais elevado, ainda que conjugado com o significado e a designação, pois ligado a certa atitude ou intenção do falante. Ao enunciar o fato de que “há muita corrente de ar nesta sala”,

---

<sup>6</sup> Existem três tipos de conteúdo linguístico: designação, significado e sentido. A designação é a referência à realidade "extralinguística", ou a esta própria realidade (como "representação", "fato", "estado de coisas"), independentemente de sua estruturação por meio desta ou daquela linguagem, e é própria do falar em geral. O significado é o conteúdo dado em cada caso por um determinado idioma. O sentido é o conteúdo de um discurso manifestado pela designação e pelo significado: a atitude humana que o discurso implica ou a finalidade para a qual é realizado (COSERIU, 2006, p. 57-58)

um falante pode estar querendo que alguém feche a porta e as janelas, pois estaria fazendo frio. Nesse caso, são necessárias mais informações do que aquelas que podemos observar na designação e no significado do enunciado, haja vista que, no dizer do falante, há “algo com uma intenção, com conexões para apresentar as coisas de certo modo, para pedir algo, para manifestar uma atitude, para estabelecer relações particulares com o interlocutor” (COSERIU, 1984, p. 38).

Coseriu toma como referência a obra “Dom Quixote de la Mancha”, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, para mostrar como a luta do personagem principal, Dom Quixote, contra os moinhos de ventos apresenta um sentido que vai além da narrativa dos fatos dos feitos realizados pelo personagem. Toda a obra quixotesca falaria da batalha a favor da liberdade e contra a opressão. Defende Coseriu que, para além do significado, há, no nível do texto, determinada intenção que só pode ser encontrada quando perguntamos “o que significa isso?”, “que sentido tem esse texto?”, cujas respostas só podem ser encontradas quando fazemos “interpretação da obra literária” (COSERIU, 1993, p. 39). A expressão “interpretação da obra” é um sintagma que, também ele, é merecedor de atenção, pois está ligado ao conteúdo ou sentido do texto. Podemos considerar com o próprio autor o seguinte entendimento:

Por ello, como en todo el dominio de los hechos semióticos, **analizar y describir** un discurso significa propiamente **interpretarlo**; o sea, identificar de manera fundada el contenido al que apunta (o que “expresa”). En este sentido, la lingüística del texto —como, por otra parte, toda lingüística concerniente a las dos faces de los signos— es hermenéutica, revelación sistemática y fundada de un contenido: precisamente, en este caso, hermenéutica del discurso (o “texto”) (COSERIU, 2006, p. 57 – destaque do autor)<sup>7</sup>.

É necessário deixar claro que, se o nível do sentido é superior aos demais, ele evoca, simultaneamente, o nível do significado e o nível da designação, assim como o saber expressivo evoca o saber idiomático. O ensino da língua e da literatura, nesse sentido, só deveria se realizar tomando-os em conjunto. E como já percebemos que Coseriu pensa o

---

<sup>7</sup> Por isso, como em todo o domínio dos fatos semióticos, *analizar e descrever* um discurso significa *interpretá-lo* adequadamente; isto é, identificar de maneira fundamentada o conteúdo para o qual aponta (ou “expresa”). Nesse sentido, a linguística do texto - como, por outro lado, toda linguística concernente às duas faces dos signos - é hermenêutica, uma revelação sistemática e bem fundamentada de um conteúdo: justamente, neste caso, a hermenêutica de discurso (ou “texto”) (COSERIU, 2006, p. 57 - itálico do autor).

ensino a partir de textos, não se trata apenas de textos literários. Ele evoca os textos literários pela possibilidade que eles têm de expressar sentidos.

Nessa tríade entra uma questão fundante quando se trata do ensino de língua e de literatura como conjunto e enquanto unidade: “a linguagem funciona pelo e para os falantes, não pelo e para os linguistas” (COSERIU, 1993, 32). Caberia ao linguista “trasladar ao plano da reflexão e do conhecimento justificado aquilo que os falantes já sabem de algum modo enquanto falantes, enquanto sujeitos dessa atividade que é a linguagem” (COSERIU, 1993, 32). O linguista é responsável, assim, por fazer metalinguagem do saber do falante e das “atitudes efetivas do falante diante da linguagem”<sup>8</sup>, o que implica considerar o “saber” que cada falante, intuitivamente, tem da língua que falam (COSERIU, 1993, 32).

A noção de “saber do falante” é fundamental na concepção de linguagem de Coseriu e ela se exponencia na construção de um pensamento que toma o ensino como questão. O autor descreve três tipos de saberes: elocucional, idiomático e expressivo. O *saber elocucional* respeita ao conjunto de princípios gerais do pensar, inclusive do pensar linguístico, que se manifesta na linguagem. No exemplo tomado por Coseriu, “Os cinco continentes são quatro: Europa, Ásia e África”, encontramos uma frase gramaticalmente correta, do ponto da organização da estrutura frasal. Todos os constituintes linguísticos estão presentes; todavia, observa-se, nela, uma incoerência, pois “cinco” não pode ser “quatro”, tampouco “três” (são enunciados três nomes de continentes, encadeando uma sequência incoerente).

Já o *saber idiomático* respeita às regras de cada língua particular. Um dos exemplos apresentados por Coseriu concerne ao uso do verbo espanhol “traer” e as relações que ele mantém com o verbo “llevar”. O verbo “llevar” tem um sentido mais genérico – se assim podemos afirmar – e um falante reconheceria a especificidade de uso entre esse verbo e o verbo “traer”. Um falante que enuncia a frase “Este señor trae libros” saberia que os livros são trazidos até ele (ou para o lugar próximo ao falante). Por outro lado, ao anunciar “Este señor lleva libros” significaria simplesmente que o senhor “carrega”, “porta” livros.

O *saber expressivo* é um tipo de saber que se realiza através dos níveis dos textos e dos discursos. Um falante entenderia que, em dada situação ou contexto, dizer a um amigo, que acabou de perder seu pai, “Inteirei-me que seu pai está doente e que logo vai bater as

---

<sup>8</sup> Isto não implica defender que o falante também não posso fazer reflexão sobre sua própria língua.

botas”, seria um dizer completamente inapropriado. A expressão idiomática “bater as botas” (que significa “morrer”) carrega traços de jocosidade e humor não condizentes com a situação.

Além dos saberes e dos julgamentos que nele estão envolvidos, outra noção merecedora de atenção é a de “discurso”. Podemos considerar, primeiro, se é possível delinear diferenças entre os termos “texto” e “discurso” em Coseriu. No texto tomado como central em nossa reflexão, bem como em outros escritos de Coseriu que conhecemos, não observamos distinção entre os referidos termos. Ao usar o termo “texto”, o linguista, muitas vezes, apõe a ele, entre parêntesis, o termo “discurso”; também os usa um após o outro intercalando entre eles a conjunção alternativa “ou” (ex.: “discurso ou texto”)<sup>9</sup>.

### **3. A linguagem literária: um uso semelhante, mas diferente**

Quando lemos o (s) texto(s) de Coseriu, deparamo-nos com um conjunto de termos que exigiria uma explicitação mais apurada. Buscamos refletir aqui sobre o termo “uso”, ou seu sinônimo “emprego”. Tomá-lo de modo simplório seria negligenciar todo um pensamento formulado no conhecido texto do linguista: “Determinación y Entorno” (1955-1956). Neste texto, Coseriu discrimina as possibilidades de “usos” que nos permitem pensar na noção de “contexto” ou “situação” e na dificuldade de eleger uma forma única de pensá-lo.

Enquanto falantes de uma língua, não “empregamos”, não “usamos” todo o saber da linguagem a todo o instante. Em cada momento, sequências de enunciados são expostas. A todo instante, estamos, assim, colocando em cena usos específicos de linguagem e reduzimos as possibilidades virtuais de usos. Também a palavra “reduzir” deve ser bem compreendida, pois não se trata, em Coseriu, de um sentido negativo. Ao enunciar ser o uso da linguagem em qualquer situação ou contexto uma redução, o faz comparando com o uso literário que, em larga medida, embora seja um uso, é diferente por evocar todas as possibilidades virtuais (e de criação) de realização de sentidos.

---

<sup>9</sup> O “valor” que damos atualmente à palavra “discurso”, após o surgimento dos estudos em Análise do Discurso, não entra em cena nos textos de Coseriu, embora o linguista já estivesse manipulando com uma noção de “ideologia” bem significativa (Cf. COSERIU, 2006).

Compreendido este fato, podemos assumir que o uso da linguagem na vida prática é um uso reducionista e o emprego da linguagem na ciência seria um uso, em potencial, dos mais drásticos. Nesse sentido,

O emprego da linguagem na vida prática é, efetivamente, um uso. Também podemos dizer que o emprego da linguagem na ciência é um uso. Porém, não o emprego da linguagem na literatura, que não é um uso particular, mas sim, representa a plena funcionalidade da linguagem ou a realização de suas possibilidades, de suas virtualidades (COSERIU, 1993, p. 39).

Ora, para Coseriu, qualquer “uso” é um emprego particular de uma virtualidade destacada de outras possibilidades virtuais possíveis. Possibilidades virtuais já conhecidas e “possibilidades virtuais” que podem nascer no texto, enquanto espaço de criação de sentido e, assim, de relações possíveis. O texto literário, nesse sentido, e como já mostramos, estaria em um nível superior, daí a importância em levá-lo à sala de aula.

Coseriu defende, por essa linha de pensamento, que o uso literário da linguagem e, em particular, da poesia não pode ser entendida como “desvio” a qualquer outro uso, considerado “objetivo”; nem uma “função poética”, ao lado de outras funções que se queira comparar (COSERIU, 1977, 1993)<sup>10</sup>.

Coseriu é defensor de que se faça um inventário de possibilidades de relações que podem estabelecer sentido, pois “tudo na linguagem significa mediante uma relação”. Ainda que infinitas, essas relações poderiam ser exploradas e seriam necessárias ao estabelecimento das possibilidades virtuais de sentido. Entra aqui a questão do porquê de se ensinar a literatura em relação com a linguagem.

Para Coseriu, é necessário assumir que tudo o que significa, na linguagem, significa através de relações. Todavia, essas relações não são levadas em conta no estudo imediato da linguagem, ainda que elas sejam responsáveis pelas possibilidades de construção de sentido de um texto. O linguista estabelece quatro tipos básicos e explora a maneira como se realiza cada uma delas, como veremos a seguir.

1. Possibilidades dadas pela relação material e/ou de conteúdo de uns signos com os outros na mesma língua. Trata-se, nesse caso, das possibilidades etimológicas ou das possibilidades estabelecidas pelas relações de semelhança entre os significantes. Um dos

---

<sup>10</sup> Nesse momento, Coseriu se refere às noções de “função da linguagem” como pensadas pelo linguista russo Roman Jakobson (1970).

exemplos explorados por Coseriu trata-se do sentido da palavra alemã "federmaus" (morcego). Já esquecemos a relação entre o significante "feder" e o verbo "flatern" (voar). A relação etimológica é apagada, esquecida, desatualizada, de modo que já não reconhecemos em "federmaus" a ideia de "rato voador". Mas, inserida nos textos, essa palavra pode atualizar sua relação etimológica.

2. Possibilidades dadas pela relação material do signo com a coisa designada. Neste caso, as relações, não mais aquelas esquecidas, podem ser descobertas, ativadas, em textos poéticos. Na frase dada por Coseriu, "Infame turba de nocturnas aves", ainda que saibamos que "nocturno" não tenha qualquer relação de sentido com a palavra "turba", haveria um sentimento de que, através do signo imitativo "tur", a palavra *turba* contenha a "noturnidade" que, como significado, está em "nocturnas". Ou, para além de Coseriu, de que em "infame turba" há algo do campo do sentido escapando para "nocturnas aves" ou de "nocturnas aves" para "infame turba". Neste caso, estaríamos mediante a dimensão icástica muito presente na poesia.

3. Possibilidades dadas pela relação com a experiência. Relação com o conhecimento das coisas, da atitude do falante face às coisas. Afirma Coseriu que a palavra alemã "pferd" (cavalo) não significa o mesmo para o oficial de cavalaria, para o camponês que trabalha com cavalos, para o que joga todos os domingos nas corridas ou para as crianças de Viena, para quem o cavalo se havia transformado em animal exótico, quase como o elefante.

4. Possibilidades dadas pela relação com outros textos. Dos vários exemplos explorados por Coseriu, expomos apenas um deles. O linguista defende que se um falante de espanhol escutasse alguém anunciando "volverán las", imediatamente ele poderia completar com o enunciado "oscuras golondrinas", haja vista ser este o título e a primeira frase de um poema conhecido na Espanha. Frases inteiras podem vir de outros textos carregando consigo seus sentidos ou ativando outros.

Coseriu reconhece que o inventário pode e deve ser acrescido. E que é sempre necessário diversificá-lo, averiguar outros procedimentos para construir sentidos. O texto literário é fértil e se apropria dessas relações que são da linguagem e não especificamente da literatura. É, assim, por este caminho, que o ensino de língua não pode esquecer que a Literatura é um modo exemplar de explorar sentidos e que o texto literário deve ser levado à sala de aula para que se realize um trabalho didático de interpretação de sentidos.

## Conclusão

Observamos um linguista defendendo o ensino da língua em conjunção com a literatura. Poderíamos cogitar a hipótese de que a fala de Coseriu foi preparada para um público específico. No entanto, reconhecemos um linguista refletindo sobre o lugar que o texto deve ocupar na sala de aula. Sua defesa pelo texto literário é um ponto de partida metodológico e uma forma de explorar as possibilidades de relações através das quais sentidos são construídos e (re)atualizados.

Notamos, de fato, uma preocupação em Coseriu em aliar a oportunidade didática de se trabalhar com textos literários na sala de aula com a oportunidade de “guardar” o conhecimento produzido por uma nação. Isso reflete uma postura cultural e política de Coseriu, especialmente por estar tratando de ensino médio, momento de formação de jovens que necessitam de um ensino que os levem a interpretar os sentidos de um texto, e aprendam a usar a linguagem em variados contextos e situações. O texto, e qualquer texto por excelência, é desenhado por redes e indícios muito complexos que podem ser explorados em sala de aula pelo professor e pelo aluno.

Já sob um ponto de vista teórico, entendemos que, para Coseriu, pensar o texto e uma linguística do texto passa por um espaço onde a linguagem e a literatura se encontram e formam unidade.

Buscamos, neste trabalho, levantar uma reflexão em um texto de Coseriu muito particular, no qual ele fala sobre ensino conjunto de língua e de literatura. Encontramos um pensador e um teórico engajado com ideias pouco conhecidas e que merecem ainda muita atenção da historiografia linguística.

## Referências

COSERIU, E. "La lingüística del texto como hermenéutica del sentido". In E. Coseriu/ Ó. Loureda Lamas, **Lenguaje y discurso**, Pamplona: EUNSA, S. 57. 2006. Arquivo 372 visualizado em <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/indexfr.htm>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

COSERIU, E. "Do sentido do Ensino da Língua Literária". In.: **Revista Confluência** - Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português. N.5, 1º semestre de 1993. Rio de Janeiro, 1993, p. 29- 47.

COSERIU, E. "Acerca del sentido de la enseñanza de la lengua y literatura". **Innovación en la enseñanza de la lengua y literatura**, hrsg. von der Subdirección general de formación del profesorado, Ministerio de Educación y Ciencia, Madrid, S. 1987, p. 13-32. Arquivo 255 visualizado em <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/indexfr.htm>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

COSERIU, E. "Tesis sobre el tema "lenguaje y poesia". **Lingüística española actual** i, 1, 1979, p.181-186.

COSERIU, E. "Tesis sobre el tema "lenguaje y poesia". In.: **El hombre y su lenguaje**. Madrid: Gredos. 1977, p. 201-207.

COSERIU, E. "Thesen zum thema 'Sprache und Dichtung". In.: W. D. Stempel (HRSG.), **Beiträge zur textlinguistik**. München, 1977, p. 183-188. Arquivo 70 visualizado em <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/indexfr.htm>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

COSERIU, Eugenio. "Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar". In: **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Cinco estudios. Madrid: Gredos, 1962, pp. 282-

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.

---

<sup>i</sup> Doutora em Letras e Linguística. Realizou pós-doutorado, com apoio da CAPES - bolsista sênior - no Institut de Textes et Manuscrits Modernes (ITEMENS-CNRS/ParisFrança) - 2014. Atualmente, é professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8916-2740>.

E-mail: [hozanetelima@gmail.com](mailto:hozanetelima@gmail.com).

**Recebido em 02/01/22**  
**Aprovado em 10/01/22**



Todo conteúdo da Revista Eutomia está sob a [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).